A SAGA PORTUGUESA EM FILADÉLFIA — UMA TENTATIVA DE ESBOÇO ETNO-HISTÓRICO

Zélia Sá V. Camurça

"Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos, Ítalos e Ingleses,
Possam dizer que são para mandados,
Mais para que mandar, os Portugueses."
Camões

(*Os Lusíadas,* I, 10-1572)

Para melhor se compreender aculturação, e por ela entendendo-se os mecanismos de mudança cultural em situações de contato e encaixada na moldura maior da "transculturação" — no caso, uma espécie de *gestalt* — a análise de certas seqüências etno-históricas se faz necessária.

É objetivo desta apresentação reunir amostras daquelas seqüências com o intuito de obter alguns *insights* sobre a transculturação e situações aculturativas e assimilativas,

---

Esta elaboração histórica parcial é parte do contexto maior resultante de uma pesquisa etnográfica de campo em uma comunidade de imigrantes portugueses nos Estados Unidos da América do Norte. A pesquisa de campo e elaboração do trabalho ocorreu durante o período de janeiro de 1977 — janeiro de 1979, na Pensilvânia, EE.UU.

A autora agradece a assistência, a colaboração e o estímulo dos professores Dr. Ruben E. Reina, professor de "Praticum in Ethnographic Field Work", e do Dr. Edward F. Foulks, M. D., professor de "Psychology and Culture", ambos do Departamento de Antropologia da Universidade de Pensilvânia, EE.U.U. Alguns capítulos deste ensaio serão no futuro publicados com autoria múltipla, conseqüentemente. Ao Professor Dr. Anthony F. C. Wallace a autora deve a aprendizagem da Etno-história, ao nível de pós-graduação, no mesmo Departamento e na mesma Universidade acima citados, e aqui expressa o seu reconhecimento.

mormente as duas, e em uma "comunidade" portuguesa além-fronteiras. Algumas destas amostras provam que a assimilação ocorreu em pequena escala entre os portugueses e os americanos do Norte já nos idos tempos coloniais, em Filadélfia — deixando de lado a tão comentada descoberta do continente americano.

Tempos bons, aqueles?

— Por um lado, sim. A distância dos continentes europeu e americano, a expansão marítima da grande potência portugalense foram os dois elementos contributivos a tangerem os sinos de contatos amigáveis. Sobretudo a proeza junto ao desejo-desafio de fazer daquela aventura um bem sucedido negócio. Que negócio? — A América. Aventura que veio a ser a mola-mestra na paisagem portuária de Filadélfia. Uma Filadélfia fundada em 1682, coração da "Nação" — Continente Norte, preciosa pela sua história colonial, e sede oficial do novo período que se seguiu à Independência: não tão-somente berço, mas coração e repositório de vida e ação.

Juntos, na Filadélfia, nos seus primeiros afar, mercadores, filósofos, políticos, viajantes, marinheiros, cientistas, estudiosos, naturalistas, professores, artistas, artesãos se uniram numa ânsia de extrapolação territorial, e, com este anseio, o de enlarguecimento de idéias e ideais.

Pode-se pois, com segurança, afirmar que a influência portuguesa em Filadélfia era já grande nos tempos da Colônia e maior nos séculos XVIII, levada que foi avante ao século XIX. Afirmar que a presença de Portugal é recente em Filadélfia é, pois, aquela hipótese que cá será posta a crivo e, é de se esperar, vê-la contestada.

A dimensão histórica do problema é tarefa ingente e por certo impossível de aqui abordá-la em toda a sua amplitude e complexidade. Entretanto, algumas pequenas peças informativas da presença do português em Filadélfia na época colonial e subseqüente período de afirmação de Independência Norte-Americana podem vir a servir de intróito a um estudo que, não é etno-histórico, e sim, mais precisamente, etnográfico. Sem olvidar do fato de que uma metodologia requer necessariamente os esforços da outra, e tal como elaboram cientificamente Ruben E. Reina e Anthony F. C. Wallace nos seus trabalhos (Reina, 1966; 1973) e com dedicação acadêmica. (Wallace, 1976.)

Torna-se imperativo seguir o exemplo apontado por Herskovits, já em 1937, quando, escrevendo sobre o significado dos estudos de contato em Antropologia, observou que

"in studies of acculturation... recourse to history — actual recorded history... is mandatory" (Herskovits, 1937: 262.) Traduzindo, "em estudos de Aculturação... recorrer à história escrita e na forma atual... é uma exigência". Destarte, alguns aspectos etno-históricos serão aqui apresentados, sejam eles em forma de manuscrito ou de fontes primárias impressas. Quando na impossibilidade de se atingir às duas primeiras formas essenciais de metodologia documental, as fontes secundáras poderão vir a ser utilizadas visando a buscas documentais futuras.

Para Valentine, uma das áreas de maior interesse na Antropologia Moderna é o processo de contato entre sociedades historicamente diferenciadas. (Valentine, 1960:1.) Esse interesse tem o seu suporte, a sua base num esforço para melhor compreender a dinâmica da mudança cultural e social, em geral. É inegável, pois, o valor dos documentos históricos como fonte de investigação elucidatória do desenvolvimento contatual.

O ideal seria obter a maior quantidade de dados qualitativos, tanto da parte dos portugueses que aqui em Filadélfia aportaram, como dos norte-americanos "nativos", para, então, "... abrir a possibilidade de conceptualizar a situação de contato completa e em termos de um único sistema social" (Valentine, 1960:13), se tal fosse então e agora possível, mas pelo menos quando se tornar possível. Se algum dia puder vir a ser. Pois tentar focalizar Filadélfia antiga — e menos ainda a de hoje — como um cenário de uma sociedade única de contato, seria utopia. É por demais do conhecimento público e da literatura em disponibilidade que os dois povos o norte-americano de origem anglo-saxônica e o português de origem última românica — trazem em si, e de cada lado, uma bagagem histórica, cultural e circunstancial mui diversa para se permitir estabelecer um sistema social unificado, já que lhes carecem aquelas primígenas "origens comuns" como participantes ideais da cultura e tão necessárias aos primeiros passos de um entendimento intelectual e interpretativo.

Atualmente, a reduzida literatura existente sobre a problemática transculturativa decorrente do contato de portugueses e filadelfianos — e de um modo geral, o americano do Norte — faz com que mesmo os próprios membros envolvidos em ambas as culturas não se apercebam das divergências e fatores diferenciativos, e das similitudes existentes. Ignorantes dos mesmos, a confrontação é um choque cultural. Na

verdade, essa ausência de conhecimento é até mesmo uma espécie de *cultural shock* para esta pesquisadora.

Divergências ou similaridades porque, muitas vezes, num processo aculturativo — e mais ainda em situações de urbanismo — as similitudes aparecem enraizadas e encobertas por outros fatores, sejam eles de natureza histórica, ecológica, ambiental, racial, e que, subordinados ao crivo dos testes de Personalidade e Cultura — (Etnopsicometria?), esses dados podem, empiricamente, apresentar aspecto inesperado. (Reina and Foulks, 1977.)

Uma das primeiras notícias localizadas sobre a vinda de portugueses à Filadélfia é a decorrente da presença de judeus em New York City — (Nova Iorque, USA.) Dessa presença, assim se expressam N. Glazer e D. Moynihan, e aqui em tradução:

> "Sempre houve judeus na cidade de Nova Iorque desde os seus primórdios. O primeiro grupo que aportou, em 1654, se constituía dos *Sephardic Jews*, tal como eram chamados os judeus originários da Espanha e de Portugal e que falavam o Português. Mas havia também os *Dutch Jews* pois que deixaram a Espanha e Portugal para se fixarem na Holanda, por volta do fim do século XV. Havia também os *Brazilian Jews*. Ao longo de algumas décadas existiu uma comunidade judaica bem importante e grande no Brasil até que os portugueses, vencendo os holandeses, fizeram com que esses judeus abandonassem o território brasileiro. A sinagoga que esses primeiros judeus fundaram em Nova Iorque foi mais apropriadamente denominada de *Shearith Israel*, "o Remanescente de Israel"..."
>
> (Glazer and Moynihan, 1970:138.)

Quando da infrutífera tentativa de apossamento dos holandeses por Maurício de Nassau, em 1654 — a "Invasão Holandeza", na história brasileira, do Nordeste Brasileiro, vinte e três portugueses de origem judaica, refugiados inicialmente na Holanda por razões da Inquisição, e estabelecidos em Recife (Pernambuco — Brasil), decidiram partir de Recife e em direção à América do Norte. Chegaram em New Amsterdam em 1654 — pois que em New Amsterdam se achava baixo o controle dos holandeses até 1664. Esses judeus por-

tugueses foram decisivamente os fundadores da comunidade judaica norte-americana. Razão por que os dois mais antigos cemitérios judeus nos Estados Unidos — em Newport, Rhode Island, e em New York — têm pedras tumulares com inscrições em língua portuguesa. Nessas duas congregações históricas falava-se o Português e assim se comunicavam os seus membros até a segunda metade do século XVIII. Nem todos parecem ter se fixado lá. Com o tempo, outros judeus portugueses se fixaram em Savannah, Charleston e em Filadélfia. (Boxer, C., 1963.)

Este aspecto de emigração lusitana não deixa de ter o seu significado e implicações se aqui se lembrar as idéias de George M. Foster no seu artigo "The Significance to Anthropological Studies of the Places of Origin of Spanish Emigrants to the New World" (traduzindo: "A Importância dos Lugares de Origem dos Emigrantes Espanhóis ao Novo Mundo", para os Estudos Antropológicos, em que Foster afirma a necessidade de um conhecimento do equipamento básico cultural dos espanhóis dos séculos XVI, XVII, XVIII, seus lugares de origem e suas destinações nas Américas. (Foster, 1952:292, 293.) *Mutatis mutandis,* da Lusitânia, de Portugal.

Nas genealogias do judaismo norte-americano há abundância de antigos nomes e/ou sobrenomes ("apelidos", como chamam os portugueses em Filadélfia e contrariamente ao significado português no Brasil), tais quais Alvarez, Azevedo, Cardozo, Carvalho, Crasto, Costa, Castro, Dias, Duarte, Fernandes, Gomes, Henriques, Jorge, Lima, Louzada, Lucena, Marques, Mendes, Mesquita, Miranda, Monsanto, Morais, Motta, Nunes, Pardo, Pacheco, Passos, Paz, Pessoa, Peixoto, Pimenta, Pimentel, Pinheiro, Pinto, Portugal, Pretto, Sarzedas, Seixas, Silva, Silveira, Solis, Souza, Touro e Valverde.

Não é sem razão que Ruben E. Reina dá uma importância ponderável a cemitérios, e é baseado em suas observações sobre esse lugar que escreveu o seu "Discovering the City's Social Order" (traduzindo: "A Averiguação da Ordem Social da Cidade" no epílogo do livro: *Paraná Social Boundaries in an Argentine City*, ou seja, *Paraná*: (As) *Fronteiras Sociais numa cidade Argentina* — num investimento intelectual que se reflete nas doze fotografias específicas no cemitério local e que ilustram o livro. Para Ruben E. Reina, cemitério, como laboratório em trabalho de campo, possui a capacidade de elucidar princípios básicos que fundamentam a organização da cidade. Este documento inerte da vida é o testamento so-

cial o mais dinâmico, diz ele, e explica a razão: pois cada túmulo preserva, de forma dramática, o passado e presente sociais das famílias. Convém salientar que o texto é de Reina, aqui sem aspas, ou em termos de citação, por merecer uma tradução mais acurada (Reina, 1973:372 e 373.) Ruben E. Reina considera o cemitério um lugar de imenso interesse social a se impor como um símbolo do passado, do presente e do futuro... e o esforço para perpetuar, erradicar ou obscurecer as diferenças sociais é um processo dinâmico à mostra — e bem revelador (Reina, 1979:373).

Se deduções fossem elaboradas com bases naquela documentação, além citada, pode-se afirmar que a fixação dos primeiros portugueses em Filadélfia deva ter ocorrido por volta de 1654. Mas sobre essa fixação muitas dúvidas pairam. E até resíduos arqueológicos parecem provar o contrário, e ser de fixação anterior. Muito se há a estudar pois, para muito se poder explicar. Meio século antes? Talvez.

Outrossim, e pela mesma época, tudo parece indicar que a penetração da Ordem Maçônica nas "13 Colônias" coube aos portugueses, introduzida que foi por quinze famílias judias de origem hispano-portuguesa em Newport, Rhode Island por volta de 1658 (Cardozo, 1976:16). Mas Filadélfia se incluía entre as "13 Colonias" e com certeza, sendo a de maior efervescência social, não deve ter se posto à margem de um movimento tão adstrito aos intelectuais da época.

Estaria aqui a origem das associações voluntárias dos portugueses na América do Norte? Dessa interrogação surgiria a necessidade de verificação evidencial das fontes e a análise crítica da evidência documentária visando a um maior aprofundamento do assunto. Antes disso não se pode estabelecer inferências sem a eliminação de uma maior margem de erros, ou falsificação de interpretação.

Ciente daquele processo tão em voga no século XIX, o chamado "Rankian scissors-and paste history" (Pitt, 1972: 46-47), noutras palavras, escolher e agrupar fatos históricos que, assim compilados, seria a interpretação histórica dos eventos passados e assim considerar a História, é preferível deixar o assunto com margem para futura pesquisa etno-histórica. Há, entrementes, um vislumbre de possibilidade de se poder chegar à assertiva de que a origem das Associações Voluntárias entre os portugueses na América do Norte não decorreu da implantação das celebradas e famosas Irmandades e/ou Confrarias que o Império Português firmou e

estabeleceu desde os séculos XII e XIII, e menos das Academias de Cultura de que o povo português, junto ao francês, se honram de possuí-las há séculos e com honras divididas, mas sim da implantação da Ordem Maçônica nos Estados Unidos e nas "13 Colonias". A ser isso verificado, certamente constituir-se-á uma grande divergência dos padrões implantados na América Latina, mais precisamente no Brasil (Boxer, 1962:130-131). (Camurça, 1970:29.)

O século XVIII foi todo ele um período de intenso intercâmbio entre as colônias norte-americanas e Portugal e seus domínios. Tanto o trigo e o centeio da Pensilvânia como o bacalhau da Nova Inglaterra eram produtos de exportação para as ilhas possessões portuguesas. Se a Ilha da Madeira se constituía um bom mercado para aqueles produtos, a Ilha, por seu turno, se tornou a fonte principal de suprimento de vinho para as "13 Colônias". Aquele "Madeira" do século XVIII de que se serviam George Washington e Thomas Jefferson era um vinho de mesa, o principal. Não, por exemplo, um "Madeira R", de reconhecida fabricação, senão pelo sabor e consistência então pela sua proteção no arrolhamento encoberto em trançado de vime, artesanato. Anthony J. D. Biddle, de Filadélfia, foi aquele autor que documentou a Ilha da Madeira e as suas atrações de então. (Biddle, 1900; Biddle, 1901.) O intercâmbio de Filadélfia com a Ilha da Madeira ocorreu sobretudo nos idos de 1700-1770.

A importância do porto de Filadélfia no período colonial tem sido objeto de cogitações de muitos autores, e seria interessante uma focalização específica do assunto com vistas ao comportamento dos mercadores e donos de navios mercantes daquele tempo face às transações a ocorrerem numa situação de bilingualismo — ou multiligüe. Saul Sack chama a atenção do fato de o porto de Filadélfia ser considerado o de maior importância e daí a necessidade de contadores e a posse de certas habilidades específicas, como o conhecimento de línguas. Bem nos primórdios do século XVIII a imprensa local já publicava anúncios de professores a oferecerem os seus serviços no ensino das línguas francesa, italiana e portuguesa. (Sack, Class Notes, Spring 1976.) O assunto da aprendizagem da língua portuguesa para fins comerciais, mas sobretudo visando a um aprofundamento de uma situação de contato, bem convidaria a um estudo etno-histórico com a interdisciplinariedade da Economia e Educação. Isso sem falar do seu valor antropológico para o presente trabalho, em termos de transculturação e educação.

A presença portuguesa em terras da Pensilvânia se intensificou, tudo indica, quando, por volta de 1727 e até 1776, o "oath of allegiance" à Coroa Britânica atingiu aos alemães, holandeses, franceses, suíços e também portugueses.

Uma das mais interessantes notícias localizadas acerca da vinda de portugueses à Filadélfia é a da presença de John Frider. JOHN FRIDER. Sim. "John Frider a Portuguese, apprentice to Christian Fiss of Phila", com data de 5 de março de 1773 na Relação dos Servos e Aprendizes ligados a testemunhados por John Gibson, "Prefeito" de Filadélfia, (P.H.S. Magazine, 1910:113). No *City Directory* da época há a possibilidade de se descobrir a exata profissão ou o trabalho a que se dedicava esse aprendiz português em Filadélfia. E por John Frider poder-se-á admitir um anglicismo, possível corruptela de João e Frade ou Fraga. Se Frade, de origem românica, se Fraga, de origem desconhecida. (Lião, 1601; 204.) O assunto merece maiores considerações.

Se o pensar vai mais longe e lembrar o ano de 1706 na Milk Street, Boston, vem à tona o "filadelfiano" Benjamin Franklin. A saga de Ben Franklin, tão magistralmente escrita por Carl Van Doren, descreve num livro o mais soberbamente bem elaborado, sobre a personalidade ímpar, e lembra, melodiosa e acuradamente, os contatos do grande filósofo inventor em Londres, França, Europa enfim. Auray, Nantes e Paris. *Dames et gentilhommes.* A Inglaterra é igualmente objeto de acurado estudo como cenário frankliniano. A Holanda se encaixa no tabuleiro europeu do arguto Franklin. A Espanha, sem dúvida. Mas, e Portugal? — Não nesta obra magistral, a merecer capítulo especial. (Van Doren, 1952.)

Entre os manuscritos de Franklin, um foi localizado e serve para comprovar a boa vontade com que Benjamin Franklin servia à sua pátria e Filadélfia em particular, no que tange aos portugueses. Se não, vejamos na seguinte transcrição de documento, no caso uma carta endereçada a Ben Franklin:

> "L'Ambassadeur de Portugal a l'honneur de faire ses compliments à Monsieur Franklin, et de (rappeler?) à son souvenir le passeport et lettre de recommendation (?) en faveur du Père Patrice Ôcleary, qui se dispose a passer en Amerique relativement à la succession dont it lui a parlé il y a quelque tems (temps).
>
> L'Ambassadeur de Portugal aurait eté voir lui même Monsieur Franklin si la faiblesse qu'il éprouve encore des suites d'

une serieuse maladie ne l' empechoit dans le moment: il compte sur ses bontés, pour pouvoir remettre à Lisbonne le (dit?) passeport el lettre lundi prochain, s'il est possible; et le prie de recevoir les hommages de sa reconnaissance, et de son iviolable attachement.

Paris le 20 Decembre 1782."

(Franklin Mss., H.S.P. v. 3, 1782:77.)

O documento transparece os bons termos de relacionamento do grande gênio filadelfiano com o Embaixador de Portugal para quem, a pedido do mesmo, providenciou passaporte e carta de recomendação a um Padre que se dispunha a vir para a América. O documento é falho no tocante à ausência de um endereço e outros dados essenciais, e a impedir uma análise. Mas, sem dúvida, o objetivo primo está claramente exposto: à distância, Filadélfia a serviço de Portugal.

"Vereis amor da pátria, não movido
De prêmio vil, mas alto e quase eterno;
Que não é prêmio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor superno,
E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente."

CAMÕES
(*Os Lusíadas*, I, 10 - 1572.)

REFERÊNCIAS

I — *Fontes Primárias*

1. Manuscritos:

Historical Society of Pennsylvania —
The Ambassador of Portugal to Benjamin Franklin. December 20, 1782. In: *Franklin Manuscripts*, v. 3, p. 77. Philadelphia, The Historical Society of Pennsylvania.

REINA, Ruben E. —
Notes. Course A-510. *Praticum in Ethnographic Field Work*. Philadelphia, University of Pennsylvania, Graduate School of Education. Spring 1977.

SACK, Saul —
Notes. Course ED-644. History of Education in the United States II. Philadelphia, University of Pennsylvania. Graduate School of Education. Spring 1976.

WALLACE, Anthony F. C. —
Notes. Courses A-520. Seminars in Ethnohistory. Philadelphia, University of Pennsylvania, Faculty of Arts and Sciences, Department of Anthropology. Spring and Fall 1976.

2. Publicações:

AGAN, Joseph Eugene —
Corrêa da Serra. Pp. 1-43. In: *The Pennsylvania Magazine of History and Biography*. Vol. XLIX, n.º 1, 1925. New York, Johnson Reprint Corporation, 1925. Philadelphia, the Historical Society of Pennsylvania, 1925. Pp. iii + 396.

DAVIS, Richard Beale —
The Abbé Correa in America, 1812-1820. The Contributions of the Diplomat and Natural Philosophento the Foundations of Our National Life. Correspondence with Jefferson and Other Members of the American Philosophical Society and with Other Prominent Americans. Pp. 87-197. In: *Transactions of the American Philosophical Society*. New Series, XLV, part 2, may 1955 (Philadelphia), American Philosophical Society, 1955.

Historical Society of Pennsylvania —
Record of Servants and Apprentices Bound and Assigned before Hon. John. Gilbson, Mayor of Philadelphia December 5 th, 1772 — May 21, 1773, pp. 99-121. (Continued from vol. XXXIII page 491; to be continued). In: *The Pennsylvania Magazine of History and Biography*, vol. XXXIV n.º 1. Philadelphia, Publication Fund of the Historical Society of Pennsylvania, 1910, pp. 128.

SMITH, Robert C. —
A Portuguese Naturalist in Philadelphia, 1799, pp. 71-106. In: *The Pennsylvania Magazine of History and Biography*. LXXVIII, n.º 1, January 1954. Philadelphia, The Historical Society of Pennsylvania, 1954.

II — FONTES SECUNDÁRIAS

BIDDLE, Anthony Joseph Drexel —
The Land of the Wine being an account of the Madeira Islands at the beginnings of the twentieth Century, and from a New Point of View Philadelphia, Drexel Biddle, 1901, 2 v.

BIDDLE, Anthony Joseph Drexel —
The Madeira Islands. Philadelphia 1900, v. 1.

BOEHRER, George C. A. —
José Corrêa da Serra e os Índios Brasileiros, pp. 489-494. In: *Revista de História,* vol. 33 (68): 489-494. Out.-Dez. 1966.

BOXER, Charles Ralph —
A Idade de Ouro do Brasil. Dores de Crescimento de uma Sociedade Colonial. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1963. Pp. 374.

BOXER, Charles Ralph —
Four Centuries of Portuguese Expansion. 1415-1825. A suscint Survey. s. l. University of California Press, (1961), pp. 102.

CAMURÇA, Zélia Sá V. —
A Presença da Mulher. A Educação da Mulher. Sep. da Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza-Ce., vols. 85 e 86, jan.-dez. 1967 e 1968 e outros excertos. Fortaleza, Ceará, Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1970. Pp. 47.

CARDOZO, Manoel da Silveira (compiler and editor) —
The Portuguese in America. 590 *B. C.* — 1974. *A Chronology & Fact Book.* (Ethnic Chronology Series, n.º 22). New York, Dobbs Ferry, Oceana Publications, Inc., 1976. Pp. vi + 154.

FOSTER, George M. —
The Significance to Anthropological Studies of the Places of Origin of Spanish Emigrants to the New World. Pp. 292-298. In: TAX, Sol (ed). — *Acculturation in the Americas. Proceedings and Selected Papers of the XXIXth International Congress of Americanists.* (With an Introduction by Melville J. Herskovits). Chicago, Illinois, The University of Chicago Press, (1952). Pp. IX + 339.

HENRIQUES, José —
The Portuguese, pp. 10-11. In: A.A.T.S.P. — *The Hispanic Heritage of the Delaware Valley.* A Bilingual Pamphlet. Un Folleto Bilingüe. Philadelphia, Bicentennial Committee of the Southeastern Pennsylvania Chapter of the American Association of Spanish and Portuguese, 1976. Pp. 57.

GLAZER, Nathan and MOYNIHAN, Daniel P. —
Beyond the Melting Pot. The Negroes, Puerto Ricans, Jews, Italians, and Irish of New York City. (Second Edition). Cambridge, Massachusetts, the M. I. T. Press, 1970. Pp. XCV + 363.

HERSKOVITS, M. J. —
The Significance of the Study of Acculturation for Anthropology. Pp. 259-264. In: *American Anthropologist,* n. s. vol. 39, 1937.

LIÃO, Duarte Nunez de —
Origem da Língua Portuguesa. Pelo Duarte Nunez de Lião, Desembargador da Casa Supplicação, natural da inclyta cidade de Évora: Dirigida à el Rei Dom Philippe o II, de Portugal nosso Senhor. Em Lisboa. Impresso por Pedro Crasbeeck, Ann MDCVI — mil seiscento e hum. P.p. 150.

PITT, David C. —
Using Historical Source in Anthropology and Sociology. (Studies in Anthropological Method). New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1972. Pp. V + 88.

REINA, Ruben E. —
Paraná. Social Boundaries in an Argentine City. (Latin American Monographs, n.º 31). — Austin and London, The Institute of Latin American Studies, University of Texas Press, 1973. Pp. XXIV + 390.

REINA, Ruben E. —
Tre law of the Saints. A Pokoman Pueblo and its Community Culture. Indianapolis and New York, The Bobbs — Merrill Company, Inc., 1966. Pp. XX + 338.

REINA, Ruben E. and FOULKS, Edward F. —
Acculturation. Modernity and Personality in Clinautla, Guatemala. Mimeography. (Philadelphia, University of Pennsylvania, Department of Anthropology), 1977. Pp. 30 (+ References).

VALENTINE, C. A. —
Uses of Ethnohistory in an Acculturation Study. Reprinted from Ethnohistory, vol. 7, Winter, 1960. The Bobbs — Merrill Reprint Series in Social Sciences.

VAN DOREN, Carl —
Benjamin Franklin. New York, The Viking Press, 1952. Pp. XVII + 845.